

Ricardo Cravo Albin

Deus e o Diabo aos 60 anos

“Glauber Rocha resplandecerá para todo sempre” C. D. de Andrade

Quem acompanha a atualidade buscando matérias para crônicas e artigos muitas vezes toma sustos. Agora mesmo, acabo de rever (pela oitava vez) “Deus e o Diabo na Terra do Sol” de Glauber Rocha. E sempre sou surpreendido pela contundente atualidade e superior qualidade do filme. Confesso que fiquei um tanto confuso ao rever a data de seu lançamento, 1964! Meu Deus! Esta obra prima do cinema, uma quase pioneira exibição mundial de um Brasil de cangaceiros, de violências e desigualdades cumpre agora 60 anos. “Deus e o Diabo na Terra do Sol” é o filme que fez fincar os pés do Cinema Novo do Brasil no mundo inteiro.

Diria até que esta joia do cinema foi além: redescobriu o próprio cinema e pariu Glauber, o personagem mais inventivo e inquieto das perplexidades e insatisfações daqueles turbulentos anos 60, 70 e 80. Um gênio rebelde, mas nada dissipado, de resto, de uma realidade, bem ao contrário do escritor beatnik Charles Bukowski, a quem um crítico de São Paulo há anos comparou a Glauber, de manei-

ra tão inadequada quanto até despropositada.

Aliás, quem conviveu, como eu, com o verdor dos vinte um anos de Glauber - nas noites sem fim do velho Café Lamas no Largo do Machado jamais se esquecerá do gênio que nascia.

Glauber pontificava, despejando pela boca (de lábios carnudos e perfeitos) golfadas de originalidade e de indignação criativa. E não apenas definia ali, na mistura insensata de cerveja e uísque, o futuro do seu cinema e de seus personagens. Ele apontava para nós, todos muito jovens, embevecidos por seus discursos veementes e barrocos — o caminho de um Brasil mais honrado, mais justo e mais solidário. A luta proposta era a luta do bem contra o mal, do santo (guerreiro, se possível) contra o dragão da maldade (da desigualdade).

Madrugada alta, depois de salvarmos o mundo como convinha aos nossos dezotoito e vinte anos, era inevitável acabarmos em samba. Glauber - admirador de Noel Rosa - encerrava a noite aos berros com o refrão desafinado de “Coisas nossas “O samba, a prontidão e outras bossas/são nossas coisas, são coisas nossas.” E discursava dedo em riste: “Noel Rosa é quem tem mesmo razão. Mas nós vamos mudar isso”.

Depois, já maduro e no exterior, sofrendo a suprema das penalidades que é o exílio, Glauber me confidenciaria em voz baixa, mas com os olhos mais brilhantes que nunca: “Olha, a luta do bem contra o mal continua, é claro, é claro. Mas a gente tem que encontrar emissários que negociem entre os dois. Porque, meu querido, de santos guerreiros, mortos e inúteis, eu estou farto”.

Talvez estribado nessa reflexão, Glauber tivesse amadurecido não só sua volta do exílio, mas o surpreendente episódio do apoio ao General Golbery do Couto e Silva. Que causou tanta polêmica ao alvorecer da abertura política e provocou críticas ácidas. A que Glauber respondeu com uma quase exclamação, seca e malcriada: “Ora, são uns babacas!”

Escrevo aqui porque preservo em detalhes amorosos no meu coração um Glauber em fragmentos muito convincentes e bem montados. Aquele Glauber da inesquecível exposição comemorativa dos trinta anos de Deus e o Diabo na Terra do Sol, no Centro Cultural do Banco do Brasil: lá estavam alguns desenhos (feitos pelo puro prazer e sem pretensões de obra gráfica), entre eles uma como-

vente caricatura dos seus companheiros de prisão em 1964 (Cony, Joaquim Pedro, Marcito, Flávio Rangel e um delicioso Callado de óculos), além de um sem-número de cristos obsessivos e pungentes.

Recordo-me ainda, e emocionado, do abraço dado à minha querida amiga Lúcia Rocha (mãe de Glauber) a cuja força e persistência de mãe-leoa se deveu todo o Acervo Glauber que estava a perigo. Ao meu elogio Lúcia se saiu com uma joia glauberiana: “Olha, meu filho, eu não fiz nada. Mas, por outro lado, eu fiz tudo”. Glauber certamente resplandeceria, nessa síntese exata de contradição e de verdade. A propósito, não foi mesmo sem razão que Gilberto Amado pouco dado a incensar talentos insolentes e ainda por cima vaidosos me declarou ao final de um longo almoço, no seu belo apartamento das Laranjeiras, em que o provoqui sobre os jovens intelectuais do Brasil nos anos 60/70: “Esse seu amigo Glauber Rocha, por exemplo, é de um arrebatamento a que só os santos em sua candura podem se alçar. E de um talento tão faiscante e ígneo que só os demônios em sua fogueira — podem polir”.

Paulo César Caju*

Gramado não é desculpa pelo jogo ruim

Geraldinos, ainda faltam os resultados de Atlético Mineiro e São Paulo, mas, até agora, o desempenho das equipes brasileiras na Libertadores está bem abaixo do que esperávamos. Independente de desfalques e jogadores reservas, a obrigação dos times nacionais é de fazer bonito, diante dos investimentos feitos para montar os elencos. Porém, há sempre uma desculpa pelo péssimo jogo e, desta vez, sobrou para o gramado. Se o campo está ruim para um clube com atletas mais técnicos, imagina para o que não tem? Não se pode culpar a grama, seja ela natural ou sintética, pelo fraco desempenho dos jogadores. O Fluminense, por exemplo, tocou muito a bola e pouco pressionou o Alianza Lima, que fez um gol num contra-ataque. O Palmeiras, que levou um elenco sem muitos atletas considerados titulares, sofreu para empatar

com o San Lorenzo. Flamengo e Grêmio têm a salvaguarda da altitude; mesmo assim, não fizeram atuações convincentes. Se no Brasil os gramados das equipes do interior são ruins, imagina desses times do segundo escalão da América do Sul? Tem que jogar bola!

E o Botafogo? Esse merece um capítulo à parte. Único que atuou em casa, tinha o apoio da torcida para vencer o Junior Barranquilla. Só que saiu do Nilton Santos com uma derrota de 3 a 1 e reclamação do seu investidor a atuação dos zagueiros. John Textor, me desculpe, mas seu negócio é com a bola oval! Você não entende nada da bola redonda! Deixa quem conhece o futebol brasileiro comandar o Botafogo!

Antes das pérolas, não posso deixar de mencionar, mais uma vez, a felicidade de ter participado do jantar que o presidente da

França, Emmanuel Macron, ofereceu a uma pequena comitiva de autoridades e personalidades brasileiras e francesas. Sentar ao lado dele na mesa foi um prazer enorme, ainda mais sendo o primeiro a dizer como os negros vivem e se relacionam no Brasil. Só que essa não foi a primeira homenagem que tive por um presidente francês. Em 2016, no hotel Sofitel, no Rio de Janeiro, recebi de François Hollande o título de Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião da França.

E vamos as pérolas, Geraldinos, com os analistas de computadores agora se fazendo de chefes de cozinha!

1 - “Colocar a identidade de um time de qualquer treinador (chama o DETRAN!), com contratações que não condizem com essa identidade, deixando o adversário se levar pela atmosfera do estádio, com uma boa

leitura de jogo (eu tenho visão de jogo), com jogadas agudas e acertivas, alinhando as linhas de 5 ou de 4”.

2 - “O sabor e roteiro da partida foi fazer a linha em transição alta (faltou dizer o tempero para dar o sabor), mas, ao não conseguir encaixar as linhas, seja alta ou baixa, não obrigou o erro do adversário (faltou por pimenta!)”.

3 - “Jogo verticalizado ou na diagonal, com ligação direta com os alas agudos e balanceando as linhas, com falsos 9 jogando pelos lados”.

***Ex-jogador de futebol. Fez parte da seleção do Tricampeonato Mundial no México em 1970. Atuou nos quatro grandes clubes do Rio (Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense), Corinthians, Grêmio e Olympique de Marseille (França).**

Barros Miranda*

O fim da reeleição no país?

Muitos dizem que a moda volta de tempos em tempos. E parece que a tal fábula invadiu o mundo político brasileiro. Em debate no Congresso Nacional, o fim da reeleição e a volta dos mandatos presidenciais de cinco anos, como eram no período de 1946 a 1964.

Na Constituinte de 1946, além de outras medidas inédi-

tas para a época, a adoção dos mandatos de cinco anos nos cargos do Executivo provocou uma grande volatilidade no teor político dos comandados, em termos, pois, o grupo era o mesmo. De Dutra para Vargas; de Vargas para JK; e de JK para Jango (excluo aqui os sete meses de Jânio Quadros, pois pouco aconteceu no país no

governo dele), a diretriz política fora praticamente a mesma, do populismo.

Se for seguir o exemplo do Chile, a cada cinco anos entra a direita ou a esquerda, conforme a vontade do eleitor e do progresso governo vigente. Porém, não se sabe que o feito seguirá aqui no Brasil.

De qualquer forma, vol-

tar ao sistema de mandatos de cinco anos no Executivo prova que a reeleição pode estar com os dias contados e que a disputa política ficará mais acirrada.

Veremos os próximos capítulos desta novela no Congresso e se o tema seguirá ou ficará engavetado.

***Historiador e Jornalista**

EDITORIAL

Um ataque a cada três dias?

Quando há algum caso de agressão ou violência contra alguma pessoa ou entidade, seja ele relacionado a algum tipo de preconceito, intolerância ou não, é a imprensa que traz isso a público de forma responsável e objetiva. Para que, de forma direta, a população tenha conhecimento do fato inaceitável e algo seja feito para que não se repita. Não é somente o simples fato de noticiar tal acontecimento.

Agora o cenário muda, e qual o sujeito do texto jornalístico é o próprio jornalista? Vamos ser mais claros: e quando o profissional de imprensa é a vítima de uma agressão ou ameaça? Também temos o dever de denunciar isso e expor essa realidade que existe em nosso país.

Como aceitar que a imprensa brasileira sofreu, em média, um ataque a cada três dias, somente no ano passado? É isso mesmo, caro leitor. O número de jornalistas agredidos fisicamente aumentou 8% em 2023, totalizando 80 profissionais. Isso só nos faz lembrar casos que aconteceram durante o governo passado, em que eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro, repudiavam totalmente a TV Globo e quem pagava o ‘pato’ eram os funcionários da

emissora que, se quer, tinham a ver com a ideologia da empresa. Estavam naquele local somente para exercerem sua profissão. Quantos repórteres e cinegrafistas, por estarem com o uniforme ou com o famoso microfone, foram vaiados, impedidos de trabalhar e até agredidos.

Independentemente de política, aquele profissional estava trabalhando e nada justificava aqueles atos. O mesmo aconteceu com outros profissionais da imprensa de modo geral na cobertura dos ataques a Brasília, em 8 de janeiro de 2023. Um relatório da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão aponta que a alta de agressões no ano passado se deu por conta dos atos e dos dias seguintes.

Temos outra eleição a vista, desta vez municipal e sem a polarização que tivemos em 2022. Por mais que existam lados opostos na política, o respeito para com o profissional de imprensa deve existir. Lembrando também que além dos físicos, ataques virtuais também vêm crescendo. Desde 2019, como apontou o levantamento, foram registrados 10 milhões de agressões no âmbito das redes sociais.

A desvalorização do Brasileirão 2024

A CBF divulgou a planilha detalhando os dias, horários e estádios das primeiras rodadas do Campeonato Brasileiro 2024. A demora na divulgação dessa lista é muito complicada, principalmente para os torcedores que planejam viajar pelo país acompanhando seus times.

O torneio começará em menos de dez dias, o que dá pouquíssimo tempo para que os ‘torcedores viajantes’ planejem a logística de suas jornadas, além de encarecer todo o processo, o que pode impactar no número de torcedores visitantes de diversas partidas. Esses apaixonados por suas equipes precisam agendar viagens, sejam aéreas ou terrestres, e encontrar hospedagem e pesquisar traslados.

Mais do que isso, a problemática maior se dá pela desvalorização das partidas pela própria CBF, que pegou alguns dos principais jogos do campeona-

to e os agendou para horários terríveis.

O maior exemplo disso é o Vasco x Flamengo do dia 18 de maio, para as 21h de um sábado. O ‘Clássico dos Milhões’ é o clássico do futebol mundial que mais vezes registrou públicos superiores a 100 mil torcedores na história. Além disso, o jogo está agendado para São Januário, não para o Maracanã.

Em um campeonato que valorizasse seu produto, esse jogo estaria marcado para as 16h de domingo, no Maracanã, proporcionando um verdadeiro espetáculo das torcidas.

É uma pena que um campeonato com tanto potencial quanto o Brasileiro seja tão maltratado. Claro que ainda pode haver mudanças, mas parece haver uma grande má vontade por parte dos responsáveis por gerir o evento, quase como uma obrigação. Uma pena muito grande que isso ocorra.

Opinião do leitor

Videomonitoramento no Rio

Vejo com bons olhos a iniciativa do Governo do RJ na implementação do sistema de videomonitoramento para equipar viaturas do estado, com destaque para o reconhecimento facial e a leitura de placas. Ponto positivo na política pública de segurança.

Nilson Antunes
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 100 ANOS: TEMPORAL INUNDA RUAS MATA DUAS PESSOAS NO RIO

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de abril de 1924 foram: está confirmada a notícia de terem sido concedidos créditos dos

Estados Unidos à Bélgica. Chanceleres de Inglaterra e França não chegam a um acordo sobre a questão das reparações de guerra. Governo

do DF manda internar nos institutos municipais 226 menores de rua. Temporal mata duas pessoas no Rio e inunda várias ruas.

HÁ 75 ANOS: LEI ELEITORAL RECEBE 100 EMENDAS DOS DEPUTADOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de abril de 1949 foram: Deputados apresentam mais de 100 emendas na Lei Eleitoral,

com destaque para as que limitam os gastos dos partidos políticos e a suspensão das legendas que vierem a receber contribuições ilícitas.

Brasil vence o Equador por 9 a 1 na abertura do XVI Sul-Americano de futebol. ONU inicia uma nova Assembleia Geral.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
WhatsApp: (21) 97948-0452

Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.